

MINISTÉRIO DA CIDADANIA E REDE D'OR SÃO LUIZ APRESENTAM

ALZHEIMER



**A CADA 3 SEGUNDOS
1 PESSOA DESENVOLVE
DEMÊNCIA NO MUNDO**

**CERCA DE 10 MILHÕES
DE NOVOS CASOS AO ANO**

50 ATUALMENTE,
MILHÕES DE PESSOAS
VIVEM COM DEMÊNCIA

EM 2050, ESTIMA-SE
MAIS DE 150 MILHÕES

**ENTRE OS IDOSOS,
A DEMÊNCIA É UMA DAS
PRINCIPAIS CAUSAS DE
INCAPACIDADE**

**EM ALGUNS PAÍSES,
É A PRINCIPAL CAUSA DE
MORTE**

O CUSTO ANUAL ESTIMADO
PARA A DEMÊNCIA CHEGA A
1 TRILHÃO DE DÓLARES

O EQUIVALENTE A MAIS
DE 1% DO PRODUTO
INTERNO BRUTO GLOBAL

EXISTEM MAIS DE 100
TIPOS DE DEMÊNCIA

A DOENÇA DE ALZHEIMER
É A MAIS PREVALENTE
E CORRESPONDE A MAIS DE
60% DOS CASOS

**A MAIORIA DAS PESSOAS COM
DEMÊNCIA VIVE EM PAÍSES DE
BAIXA E MÉDIA RENDA**

**NO BRASIL, MAIS DE
1,2 MILHÃO DE PESSOAS TÊM
ALZHEIMER**

**AS MULHERES
SÃO AS MAIS AFETADAS
PELA DOENÇA**

**EM ALGUNS PAÍSES,
REPRESENTAM 2/3 DOS
PORTADORES**

MINISTÉRIO DA CIDADANIA E REDE D'OR SÃO LUIZ APRESENTAM

ALZHEIMER

Rio de Janeiro, 2020



A doença de Alzheimer foi descrita em 1906 pelo médico psiquiatra e neuropatologista alemão, Alois Alzheimer [1864 - 1915], no 37º Encontro de Psiquiatras do Sudoeste da Alemanha, realizado em Tübingen. Sob o título 'Über eine eigenartige Erkrankung der Hirnrinde' ['Sobre uma doença peculiar do córtex cerebral'], o estudo relatou o caso da paciente Auguste Deter [1850 - 1906], internada, em 1901, aos 51 anos de idade, no Hospital Psiquiátrico de Frankfurt, popularmente conhecido como Castelo dos Insanos.

Apresentando episódios iniciais de delírios de ciúme em relação ao marido, alteração de comportamento e comprometimento de memória, Auguste foi assistida pelo Dr. Alzheimer desde os primeiros dias de internação. O prontuário médico, encontrado décadas depois, em 1996, nos porões da Universidade de Munique, revela diálogo entre médico e paciente:

_Qual é o seu nome?

_Auguste.

_Sobrenome?

_Auguste.

_Qual é o nome do seu marido? [ela hesita e finalmente responde:]

_Eu acho que... Auguste.

_Escreva um '5' [ela escreve: uma mulher]

_Escreva um '8' [ela escreve: Auguste e, enquanto escreve, diz repetidamente:]

_Eu me perdi.

Dr. Alzheimer acompanhou o caso de perto até 1903, quando se transferiu para a Clínica Psiquiátrica Real, em Munique, hoje Instituto Max-Planck de Psiquiatria, a convite de Emil Kraepelin [1856-1926], um dos psiquiatras alemães mais conhecidos da época. Mesmo à distância, Dr. Alzheimer acompanhou a progressão da doença. Em 1904, Auguste Deter adquiriu posição fetal, incontinência urinária e emudeceu. Faleceu em 1905, antes de completar 56 anos de idade.

Após a morte de Deter, Dr. Alzheimer recebeu autorização para examinar o seu cérebro. A análise anatomopatológica revelou atrofia cerebral com formação de emaranhados neurofibrilares [alterações da proteína tau] e placas senis [acúmulos de proteína beta-amiloide]. O estudo do Dr. Alzheimer forneceu indicadores clínicos e neuropatológicos de um novo tipo de demência, batizada, em 1910, por Kraepelin, como 'doença de Alzheimer'.

O mundo enfrenta um processo de envelhecimento progressivo da população. De acordo com a Organização Mundial de Saúde [OMS], em 2050, existirão mais de 2 bilhões de pessoas com mais de 60 anos. Uma decorrência natural desse processo é o aumento na prevalência de doenças associadas ao envelhecimento, como a demência. Entre os idosos, a demência é uma das principais causas de incapacidade. Em alguns países, é a principal causa de morte. Por especialistas, a demência já é considerada a maior crise de saúde do nosso tempo.

A doença de Alzheimer [DA] é o mais prevalente tipo de demência, correspondendo a mais de 60% dos casos após os 65 anos de idade. A DA é um transtorno degenerativo, progressivo, irreversível e fatal, que se manifesta pela perda de funções cognitivas como memória, orientação e linguagem. Nos estágios iniciais, os sintomas podem ser confundidos com o processo natural de envelhecimento. Nos estágios avançados, o paciente se torna completamente dependente dos familiares e cuidadores.

Embora a doença de Alzheimer ainda não possa ser curada, revertida ou interrompida, ações de conscientização são fundamentais para o melhor enfrentamento da doença.

A exposição coletiva 'Alzheimer' reúne trabalhos inéditos produzidos por 20 artistas contemporâneos que aceitaram o difícil desafio de dialogar com o tema. Alguns artistas vivenciaram o drama da doença, seja através de casos familiares ou pelo convívio com pessoas próximas acometidas. Outros exploraram o assunto a partir de pesquisas e percepções próprias. O resultado é um painel de interpretações singulares que, em comum - da colagem ao graffiti, da pintura a óleo ao carvão - revelam um olhar sensível e humanista sobre o tema.

Agradecemos aos artistas por aceitarem o convite.
Agradecemos aos pesquisadores pela gentil colaboração.
Agradecemos à Casa da Ciência por acolher a exposição.
Agradecemos à Rede D'Or São Luiz por acreditar no projeto.

Equipe ArtBio



Pina é artista visual e pesquisa sobre a construção do indivíduo à luz da cidade e da urbanização contemporânea. Formado em Arquitetura e Urbanismo pela Unesp, o artista segue uma linguagem geométrica, manipulando cheios e vazios para criar, através da forma, luz e sombra. Sua poética tem sido desenvolvida, ainda, por meio de sua experiência no teatro e no circo. Participou de exposições individuais e coletivas e desenvolve projetos para grandes marcas que fluem entre a arte, o design e a arquitetura.

UM SONHO PRESENTE

arte digital

'[...] um jogo de damas e, de súbito, ela se direciona a mim como quem acordara de um sono profundo e diz: ...Acho que eu estava sonhando.'

Pina



Pas Schaefer é um entusiasta da integração entre Arte e Ciência como modelos de descoberta e interação com a natureza. Estudou Licenciatura em Ciências Naturais na USP, integrou por 6 anos a Global Shapers Community do Fórum Econômico Mundial e desenvolveu suas pesquisas e trabalhos por 18 países. Teve como clientes Alexandra Forbes, Pierre Lurton e o chefe número 1 do mundo, Massimo Bottura. É o criador do Movimento PAS, que tem a proposta de revitalizar e gerar espaços e pessoas mais criativas.



MEMÓRIAS FRÁGEIS

spray sobre tela

trechos de
Memórias de vida e a doença de Alzheimer
texto escrito especialmente para o projeto
por **Marília Zaluar Guimarães**
Professora Associada da UFRJ
Pesquisadora e colaboradora do IDOR
Coordenadora Científica da Rede CpE

A primeira coisa que associamos à doença de Alzheimer é a perda de memória. As memórias, as nossas experiências, coisas que nos fazem únicos, singulares. No filme ficcional *The Boys from Brazil* (Os Comandos da Morte, em português), de 1978, Josef Mengele tem o projeto de clonar Adolf Hitler, tendo preservado o DNA dele após a segunda guerra mundial. Nesse premiado filme, 94 bebês são gerados e colocados para adoção em várias partes do mundo, por pais com características dos pais de Hitler: pais dominadores e mães protetoras bem mais jovens. Ainda no plano de Mengele, os pais são assassinados aos 65 anos, também para simular a vida do jovem Adolf que cresce só com a mãe. Mas seriam esses fatores – além dos genes – como as experiências similares com os pais, suficientes para desenvolver indivíduos com o ímpeto e crueldade parecidos com os de Hitler? Ou as suas infinitas memórias de vida, por mais prosaicas e simples que fossem, todas, contribuíram para formar o que ele foi?

As memórias que carregamos contribuem fortemente para o que somos e o que seremos ainda. Por isso a doença de Alzheimer se coloca como um grande desafio, não só do ponto de vista clínico e científico, mas também existencial.

Um dos primeiros sintomas relatados da doença é justamente o esquecimento de memórias recentes. O batizado do neto, o remédio da manhã. Memórias que chamamos de declarativas, que se relacionam a fatos e a eventos que podemos lembrar e falar. Com a progressão da doença, a pessoa pode se tornar incapaz de realizar sozinho ações de autocuidado e se torna dependente de outras. Trata-se, portanto, de uma doença de enfrentamento muito difícil pela família, porque ao mesmo tempo em que o paciente deixa de ser quem o familiar reconhece por causa do esquecimento, também requer mais e mais cuidados desse familiar.

**E SE VOCÊ OLHASSE PRA SI
E NÃO SE
ENCONTRASSE?**

**E SE A IMAGEM QUE
OUTRORA ERA VÍVIDA NA
SUA MEMÓRIA AGORA LHE
FALTASSE?**

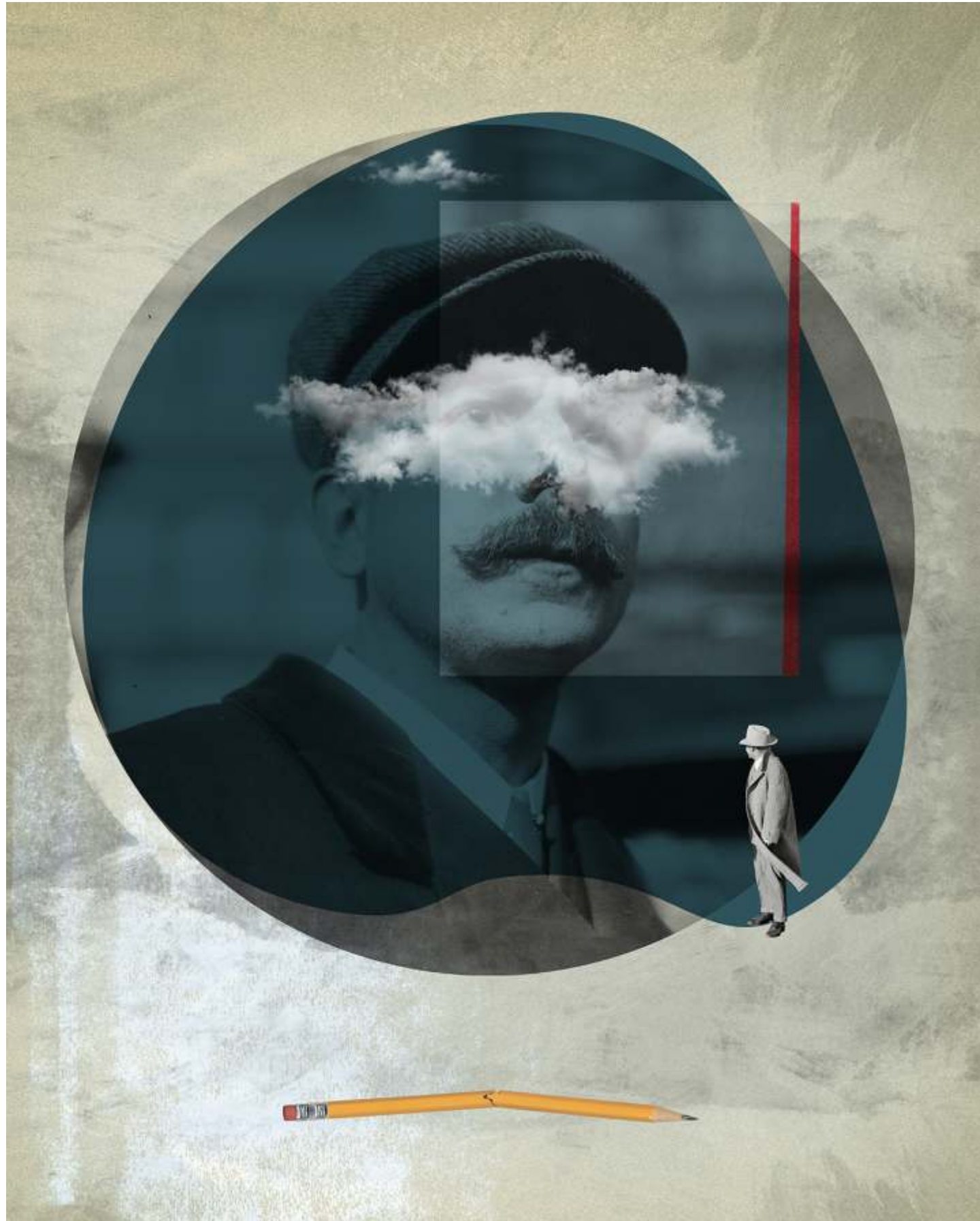
**E SE VOCÊ SOUBESSE QUE
POSSUI UM TESOURO
ESCONDIDO?**

**E SE VOCÊ, DE REPENTE,
ESQUECESSE OS DIAS
VIVIDOS?**

E SE O OLHAR QUE ANTES
BUSCAVA UM NOVO SENTIDO

PROCURASSE AGORA O
VALOR DO QUE É ANTIGO?

Fragments de ensaios poéticos sobre a doença de Alzheimer escritos especialmente para o projeto por Maira Assunção Bicca, PhD em Farmacologia com aperfeiçoamento em Neurociência, Imunologia e Neurobiologia. Possui mais de 12 anos de experiência com pesquisa pré-clínica sobre a doença de Alzheimer.

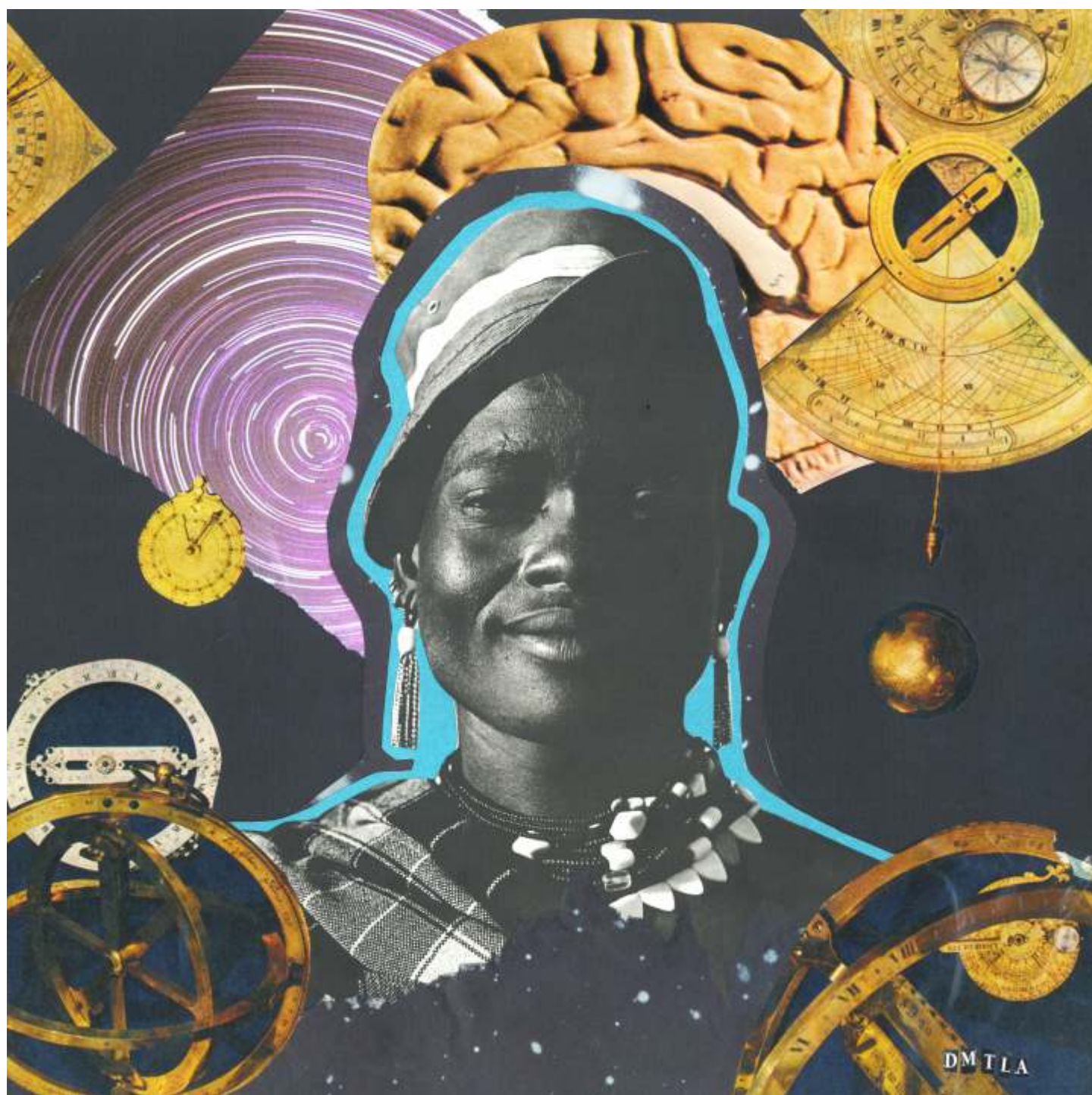


TIE M P O

colagem



Mauricio Plane [Montevideo, 1965] trabalha como ilustrador para diversas editoras. Ministra oficinas de colagem para alunos de design gráfico, fotógrafos e arquitetos, compartilhando experiências e orientando sobre expressão pessoal e criativa. Tem participado de exposições no Brasil e no exterior sempre com colagens e assemblages. Membro do coletivos Collagistas Sin Fronteras e da Sociedade Brasileira de Colagem.



Domitila de Paulo é artista visual, colagista e diretora de arte em multilinguagens. Sua trajetória cruza as artes, o design e a moda. A belo-horizontina apresenta suas colagens manuais/analógicas produzidas a partir da investigação de imagens raras em velhas publicações. Através do acervo garimpado, mixa elementos e cria, por meio da semiótica, a sua narrativa visual. Traz consigo a percepção de identidade, memória e universos mitológicos. Suas artes já foram capas de discos como Goela Abaixo de Liniker e os Caramelows, Outra Esfera de Tássia Reis e do livro Massembras de Ialodês: Vozes Femininas em Roda da coletânea Sambas Escritas.



Foto: Thiago Pacheco

COM-PASSO DO TEMPO DESCOM-PASSADO

colagem

**EM MEIO A PENSAMENTOS
VAZIOS E OBSCUROS**

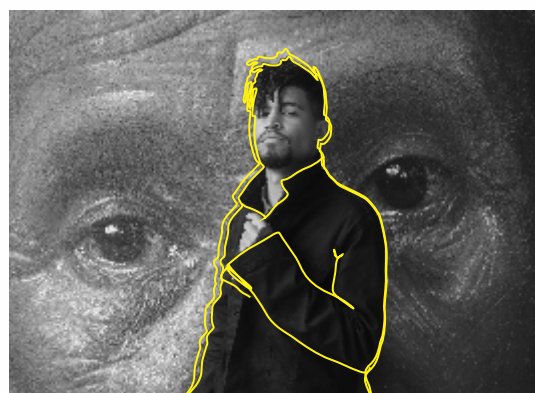
**JÁ NÃO SEI SE SEI,
OU SE UM DIA SOUBE,
O QUE HAVIA POR TRÁS
DOS MUROS**





PEÇAS EM BRANCO

spray sobre parede



Meu nome é Marcelo Valentim Marinho Alves. Nas ruas, sou conhecido como **Mazola Marcnou**. Tenho 21 anos. Iniciei no graffiti street art em 2016. Em 2017, ganhei notoriedade com realismo com spray, me destacando na cena do graffiti nacional e ganhando prestígio internacional. Meu estilo de pintura segue o realismo e a realidade negativa. Participei dos principais eventos de graffiti no Brasil, como o Meeting Of Styles, Street Of Styles, Bahia de Todas as Cores [BTC], entre outros. Participei também do evento de arte mais importante do graffiti, a 4ª edição da Bienal Internacional de Graffiti Fine Art [GFA]. Meu trabalho tem o conceito de que o rosto humano é a maior fonte de expressão do mundo.

...trecho de
Memórias de vida e a doença de Alzheimer
por Marília Zaluar Guimarães

A pesquisa científica sobre a doença de Alzheimer tem avançado muito, porém ainda não chegamos à cura. Por ora, os tratamentos são paliativos, desacelerando a perda da memória e reduzindo os sintomas. Mas ela continua a progredir, inexorável. Hoje sabemos muito sobre os processos celulares que ocorrem nesses cérebros doentes, que envolvem o acúmulo de agregados de proteínas que são patogênicos e que geram uma resposta inflamatória que é lesiva para o tecido nervoso. Também sabemos sobre alguns fatores genéticos e hábitos de vida que podem aumentar ou diminuir a chance de desenvolver a doença. Mas não há um alvo molecular mágico, nem interferência num único gene, que resolva o problema: como muitas outras doenças neurológicas e mentais, a doença de Alzheimer é multifatorial.

**UMA TEMPESTADE
DENTRO DA CABEÇA**

**E OS PARA-RAIOS NÃO
CONTROLAM OS RELÂMPAGOS**



Marcel Lisboa é designer gráfico. Vive e trabalha em São Paulo. Trabalhou em agências de publicidade antes de dedicar seu tempo integralmente às ilustrações digitais. Conjuga sua grande afinidade pela arte renascentista, barroca e neoclássico com a cultura pop e com preceitos surrealistas e dadaístas. Em seus trabalhos, utiliza retalhos de imagens de anatomia e fotografias antigas garimpadas em sebos e livrarias.

DES CONS TRUÇÃO

colagem



ALZ

ER

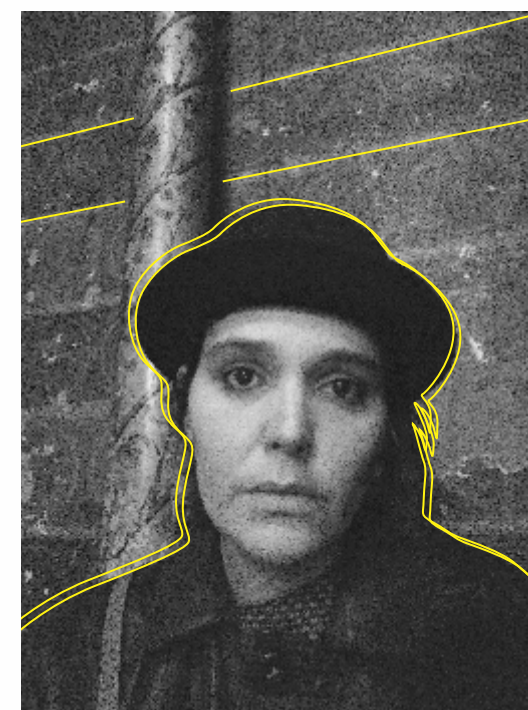
arte digital



Diego Max é designer gráfico, artista plástico, músico e produtor musical. Suas obras rodam o mundo através de sites e revistas especializadas como Pinterest, Ideafixa, Zupi Magazine, Wired, Super Interessante, Revista da Cultura, Ilustríssima, entre outras. Já criou inúmeras capas de revistas, álbuns e posters para artistas nacionais e internacionais. Suas colagens inquietantes são experimentos estéticos que transitam no encontro entre artes visuais, biomecânica, retrofuturismo, botânica, sonoridades eletrônicas e processos tecnológicos.

'[...] uma viagem interna às lembranças e à memória afetiva da adolescência, quando minha mãe trabalhava de empregada doméstica na casa de um médico. Lá, eu já recebia influência das enciclopédias de anatomia, ciências, medicina [...] O Doutor Waldemar estava com Alzheimer e, na época, sua esposa e minha mãe me convidaram pra dar aulas de informática com o objetivo de deixar sua memória 'trabalhando'. Eu o ensinava repetidamente a ligar o estabilizador, a CPU, o monitor [...] a se conectar à internet e falar com os seus netos através do Skype [...] o objetivo era esse. Muitas vezes ele conseguia, outras vezes ele nem sabia o que eu estava fazendo lá. Recentemente minha irmã foi diagnosticada com uma certa influência precoce da doença, o que me motivou a pesquisar mais sobre o assunto [...] [A obra 'Alz_____er' representa] uma espécie de memória que volta de onde veio. Das estrelas, do espaço, da imensidão do nada, do esquecimento total.'

Diego Max



Camille Sproesser nasceu em São Paulo [1985], onde vive e trabalha. Estudou Artes Visuais no Centro Universitário de Belas Artes de São Paulo e cursou direção cinematográfica na Academia Internacional de Cinema. Seu principal campo de pesquisa é pintura a óleo, com produções em diversas escalas. Seu trabalho é agressivo e bem humorado, o que lhe atribui um caráter combativo. Com cores vibrantes, Camille cria um universo que pode ser brincalhão e assustador ao mesmo tempo, com animais perigosos, facas afiadas e entidades misteriosas. Ganhou bolsas em programas de residência na Mass Moca e na Virginia Center for the Creative Arts. Realizou exposições individuais nas galerias Mendes Wood DM e Mercedes Viegas, com curadoria de Ana Prata e Bruno Dunley.

O ESQUE

óleo sobre tela

CIMENTO



CORAL BLEACHING



colagem

Ingrid Bittar - Britta [Rio de Janeiro, 1989] trabalha questões do universo familiar íntimo e privado. Formada em Desenho Industrial pela PUC-Rio, iniciou sua produção com colagem, técnica através da qual desenvolveu e amadureceu elementos-chave do seu trabalho e que permitiu desdobrar-se para o bordado, crochet e aquarela. Conta com exposições no Rio de Janeiro, São Paulo, Berlim, Arles, Rotterdam e obras no acervo permanente do MAM-Rio. Artista indicada ao Prêmio PIPA VII.

'[...] A natureza física brutal da doença e um paralelo com o processo de branqueamento dos corais.'
Ingrid Bittar

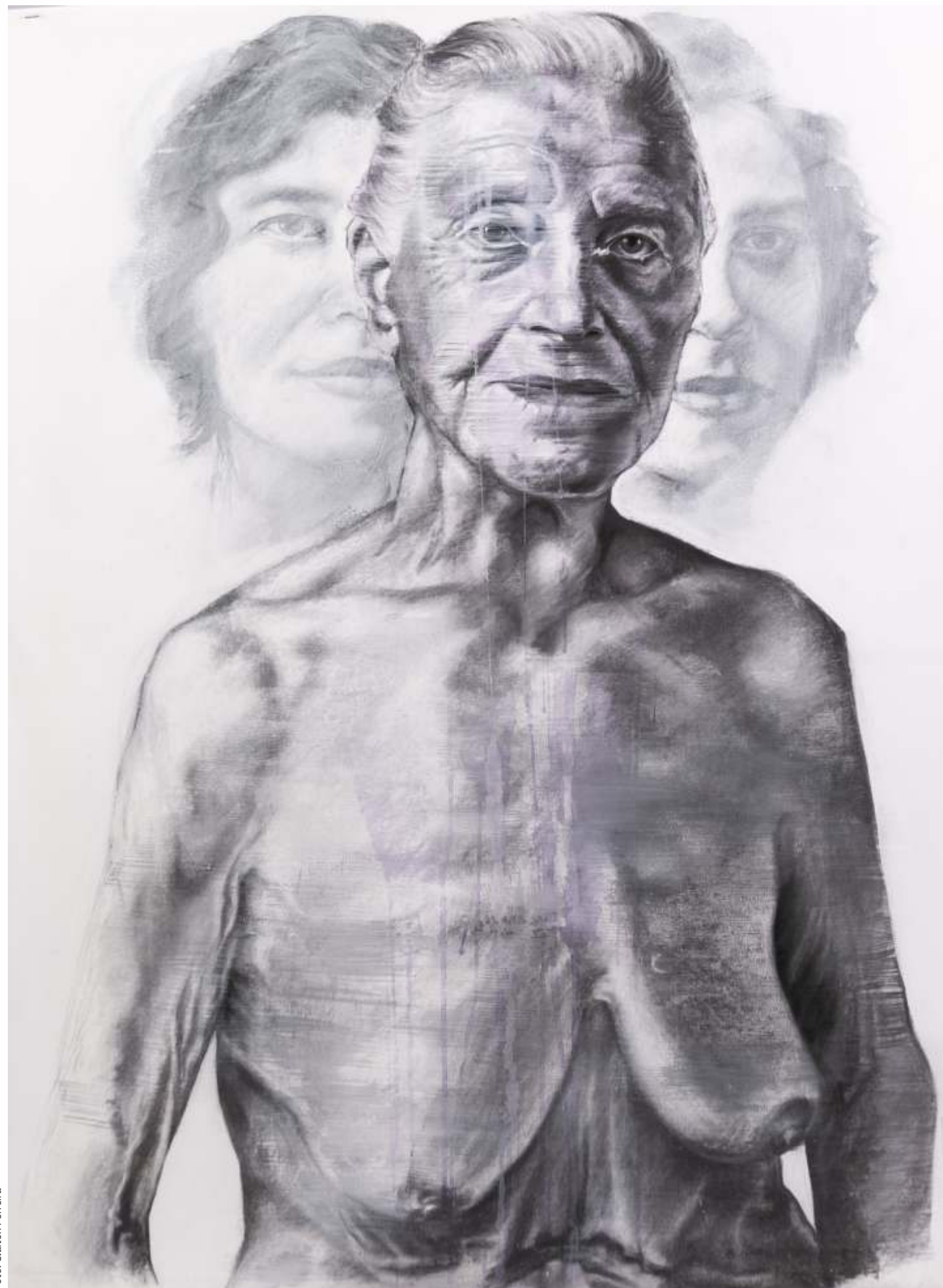


Foto: Claiton Ferreira



Foto: Duani Fogaça

DESCENTRAMENTO

carvão sobre papel

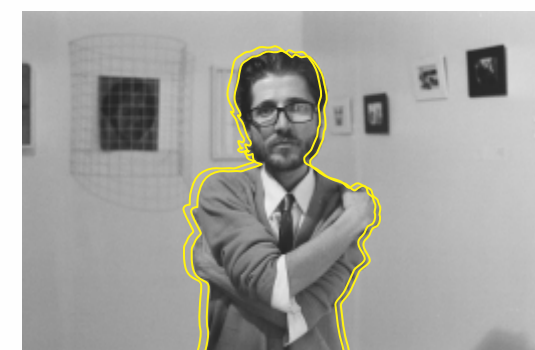
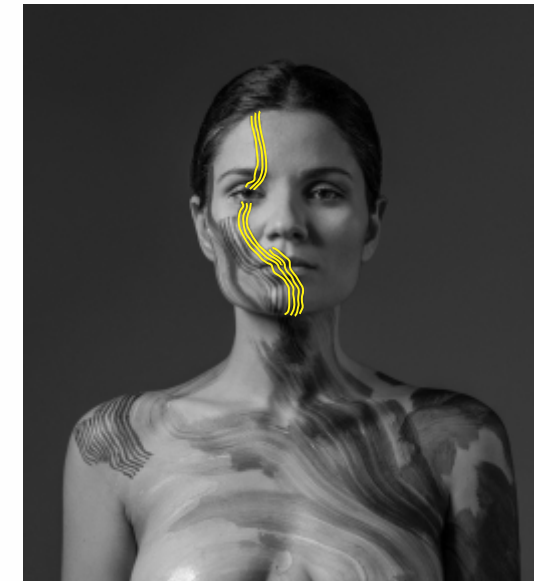
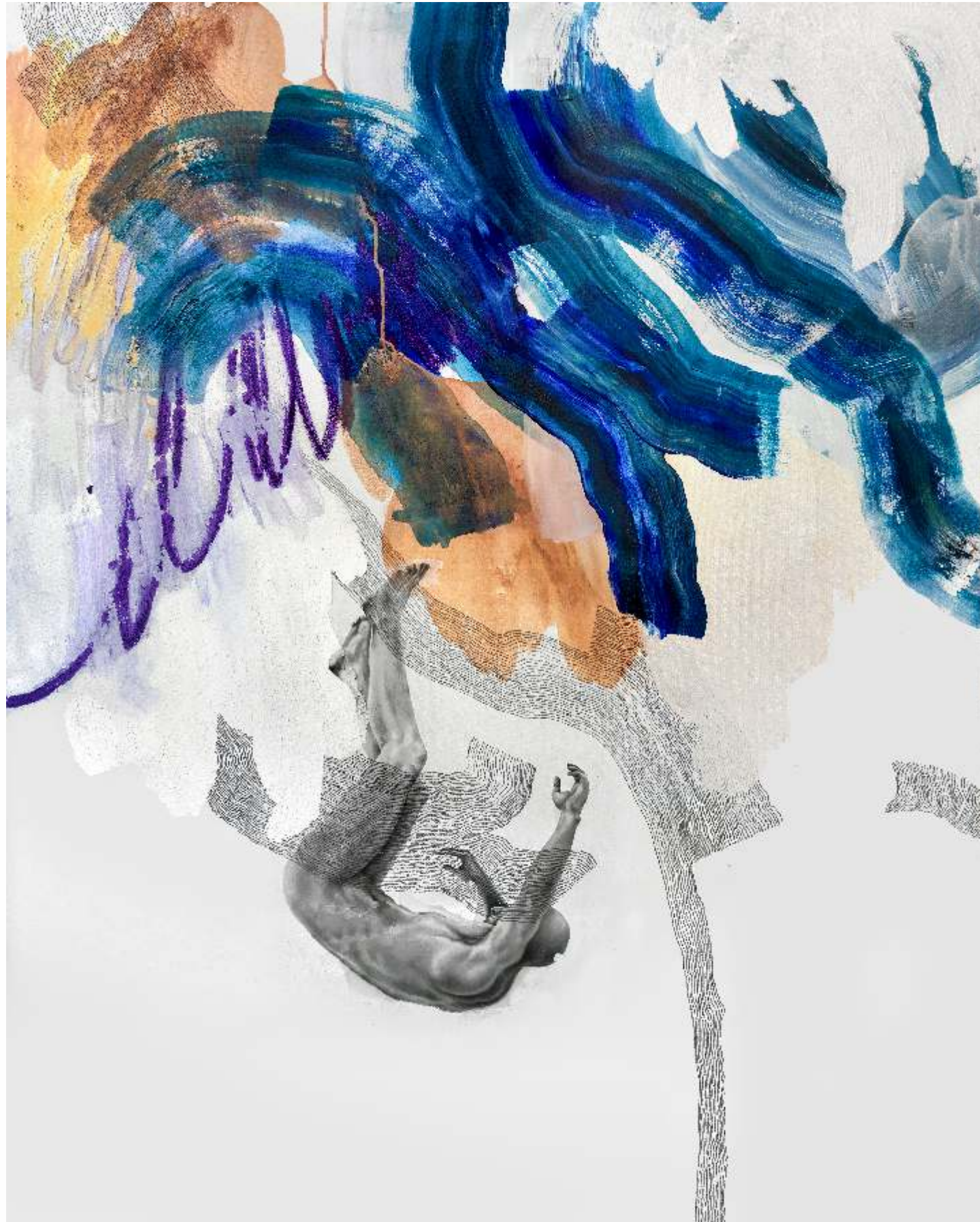


Foto: Gregório Brunning

Gustavot Diaz [Lages, 1982] é artista visual [UDESC, 2006] e ministrante, há 16 anos, da disciplina Anatomia Artística e Desenho da Figura Humana. Deu aulas no Museu da Gravura [Solar do Barão] por 7 anos em Curitiba, cidade onde também co-fundou o Centro Cultural MÍMESIS. Atualmente reside em Porto Alegre, aplicando cursos em diversas cidades brasileiras. É professor convidado do SESC Pompeia [São Paulo].

'O que define o sujeito contemporâneo é certa fluidez em diversos âmbitos - íntimo e em suas interações sociais: uma identidade em crise. Mas esse descentramento do sujeito não é um problema, e sim uma condição. A doença de Alzheimer revela o extremo dessa condição humana, de divisão subjetiva, de fragilidade e despertencimento.'

Gustavot Diaz



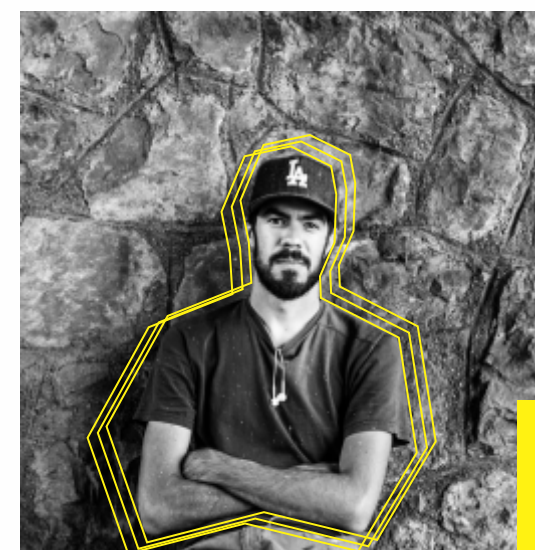
Mariana San Martin é gaúcha, formada em Artes Visuais com Bacharel em Design Gráfico pela Universidade Federal de Pelotas. Reside hoje no Rio de Janeiro onde trabalhou durante anos na área publicitária antes de se dedicar integralmente à arte. A observação e interpretação das diferentes realidades que cada pessoa carrega dentro de si e o próprio conceito de realidade e percepção são interesses presentes na vida e na prática da artista. Quais fatores constroem o ser humano? Até que ponto as escolhas são ativas e a partir de onde as interferências externas passam a ser internas? Estas questões são traduzidas em obras onde cada gesto planejado é seguido de experimentação em uma longa conversa entre intenção e acaso.

SEM TÍTULO

acrílica, mistura de tinta e água de degelo salgada, pastel seco, grafite e papel vegetal sobre tela

'Impermanência, interferência e memória. Somos, afinal, uma realidade em constante mudança, uma infinita sobreposição de existências, momentos e ideias. Abraçamos um novo eu a cada segundo, abandonando o anterior e, assim, construímos a todo instante uma versão mais complexa e completa de nós mesmos. Sem nossas memórias e experiências, sem a sobreposição dos momentos e emoções vividos, o que sobra de nós?'

Mariana San Martin



Apolo Torres é pintor e muralista. Formou-se em Desenho Industrial na Universidade Mackenzie, São Paulo, e estudou pintura na School of Visual Arts, Nova York. Seu trabalho dialoga com a pintura clássica, street art e arte contemporânea. Com exposições individuais no Brasil, Itália e Estados Unidos, e participações em festivais e exposições coletivas em vários países, Apolo é um grande expoente do muralismo contemporâneo brasileiro.

OCEANO NUMA CANOA

óleo sobre tela

'[...] um crescente isolamento [...]
O oceano agora é do tamanho do seu barco.'
Apolo Torres

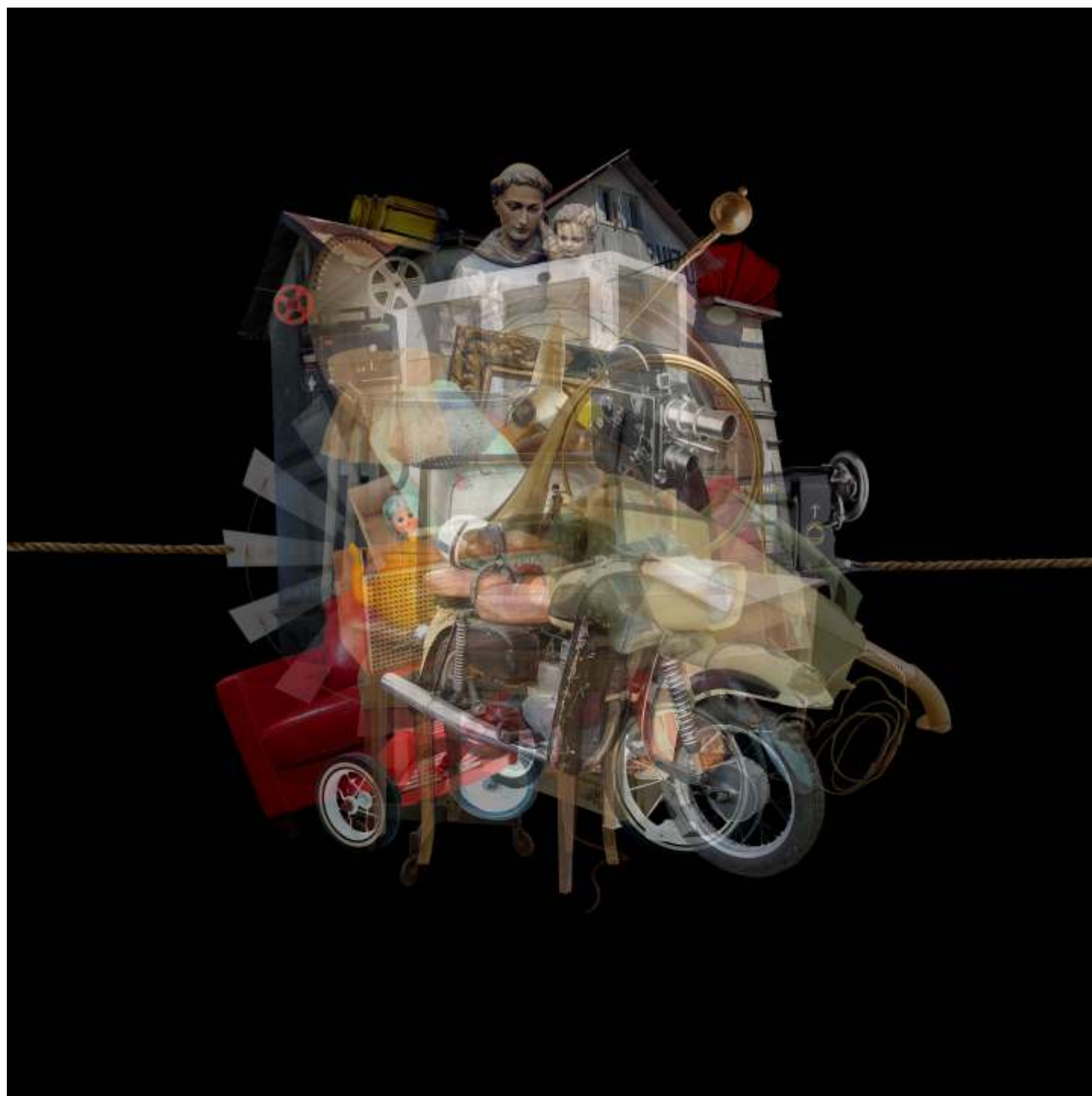


Jesso Alves é um artista maranhense de 22 anos que atualmente mora no Distrito Federal. Começou sua jornada artística durante o Ensino Médio e, desde então, tem se aventurado nas artes visuais e cênicas. Além de colagista, Jesso é ator e dramaturgo. Suas colagens digitais surrealistas vêm ganhando destaque. Em seus trabalhos, a figura de pessoas negras se torna presente, em um processo de reconhecimento e enaltecimento.

ÚLTIMA MEMÓRIA

colagem

*'[...] sua mala amarela antiga
com suas últimas memórias.'*
Jesso Alves

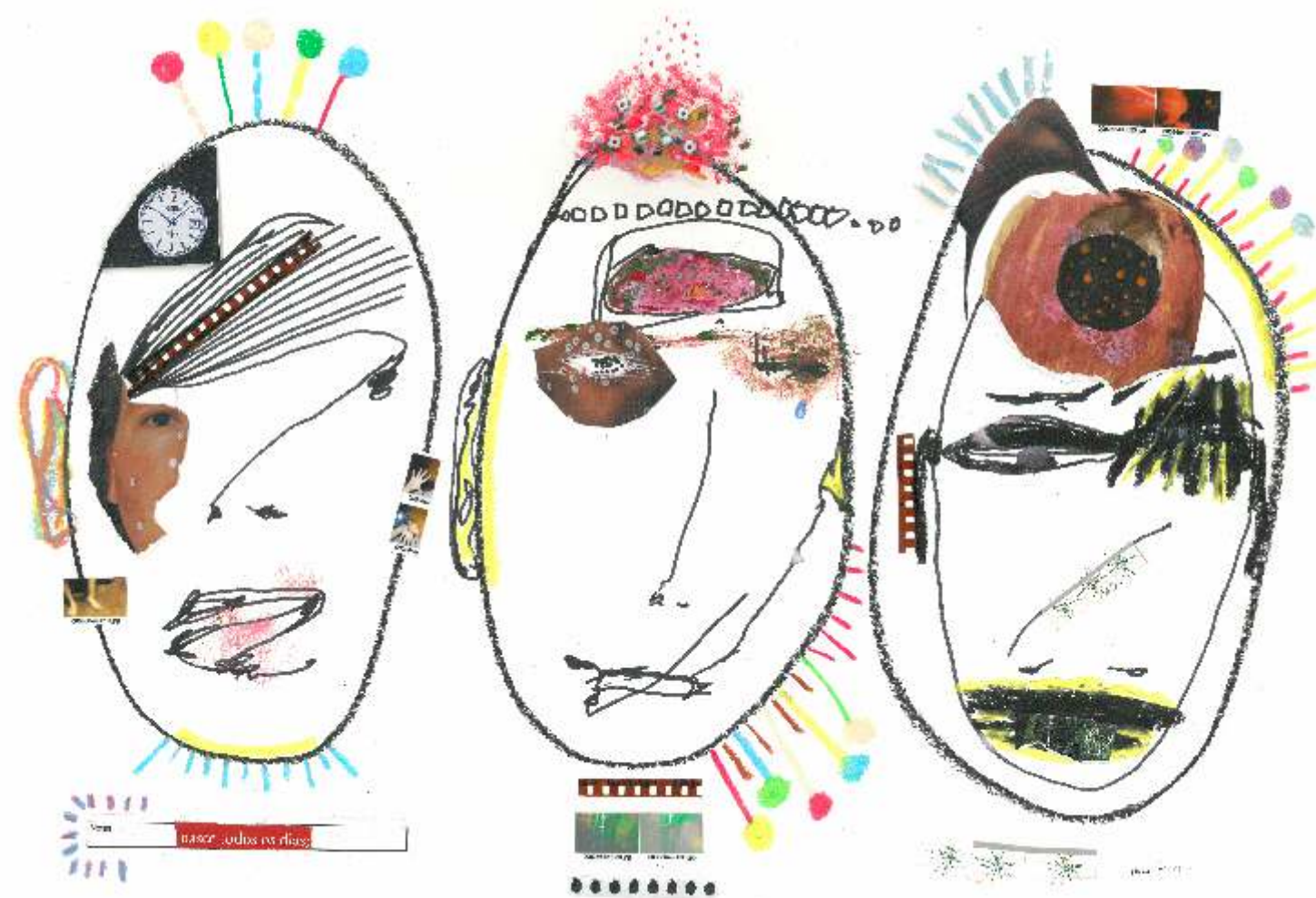


Marcia Albuquerque é artista gráfica licenciada em Design Gráfico no Brasil. Utiliza a técnica da colagem como forma de expressão. Participa de exposições coletivas desde 2014 no Brasil e no exterior. Ajudou a formar e integra o coletivo Collagistas Sin Fronteras com colagistas da América do Sul. Costuma utilizar os temas 'memória' e 'passagem do tempo' em seus trabalhos. Trabalha com colagem manual e digital simultaneamente.

CHEIO DE VAZIO

colagem

'No processo de esquecimento da vida os acúmulos se tornam inúteis.'
Marcia Albuquerque

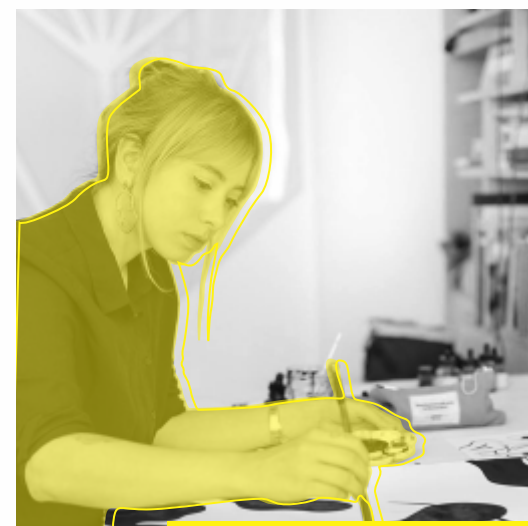
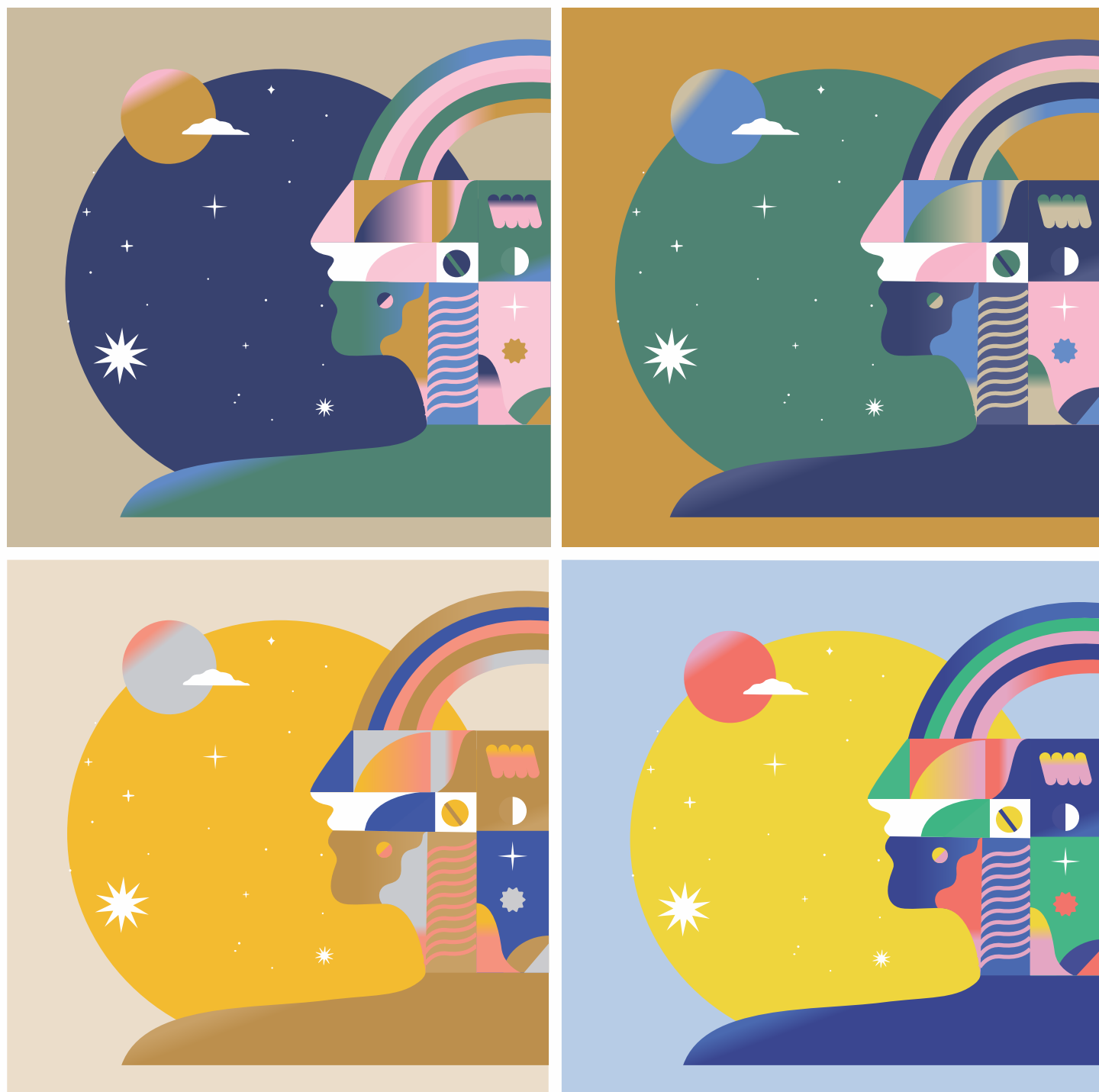


Meu nome é **Luiza de Alexandre**. Meu processo artístico se baseia na vontade de botar pra fora tudo que guardo dentro. Comecei com a colagem em 2014 e, desde então, tenho produzido constantemente. O uso do pastel e cores diz muito sobre mim. Nascida em Macaé, hoje vivo em São Paulo. Quando produzo, me entrego totalmente para assim poder ME entregar algo físico que faça me sentir completa novamente. O uso dos papéis e da colagem me leva a um lugar novo, onde posso REcriar um pedaço do que já foi criado por alguém. O uso de objetos rígidos também me traz essa sensação de recriar o que já tem vida, me levando a esse lugar de reuso como uma forma de terapia.

SEM TÍTULO

mídia mista sobre papel

'Lembrança e reconhecimento. Corto e colo lembranças que já se apagaram. Na memória fotográfica, o colo que não envolve e o corpo que não reconhece. [...] Todos nós vivemos constantemente tentando nos reconhecer e reconhecer o outro em nós mesmos.'
Luiza de Alexandre



Bárbara Malagoli é artista gráfica formada em Design. Trabalhou como designer criativa e diretora de arte em editoras e estúdios em São Paulo. Hoje trabalha como ilustradora profissional independente com ampla gama de projetos e clientes. Seu trabalho combina composições fluidas, formas, texturas e cores vibrantes.

DO FACES DO TEMPO

arte digital

'[...] As impressões que recebemos se integram em nossas mentes e, assim, corporificam a nossa experiência.'
Bárbara Malagoli



5 INCO

papel reciclado de sobras de lambe, lambe-lambe, acrílica, marcadores e spray sobre mdf

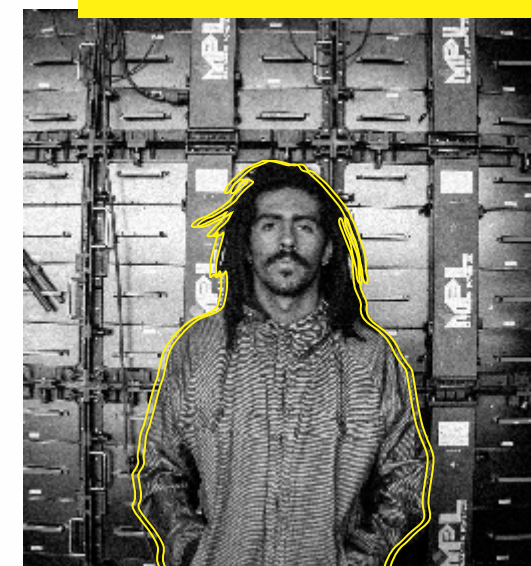
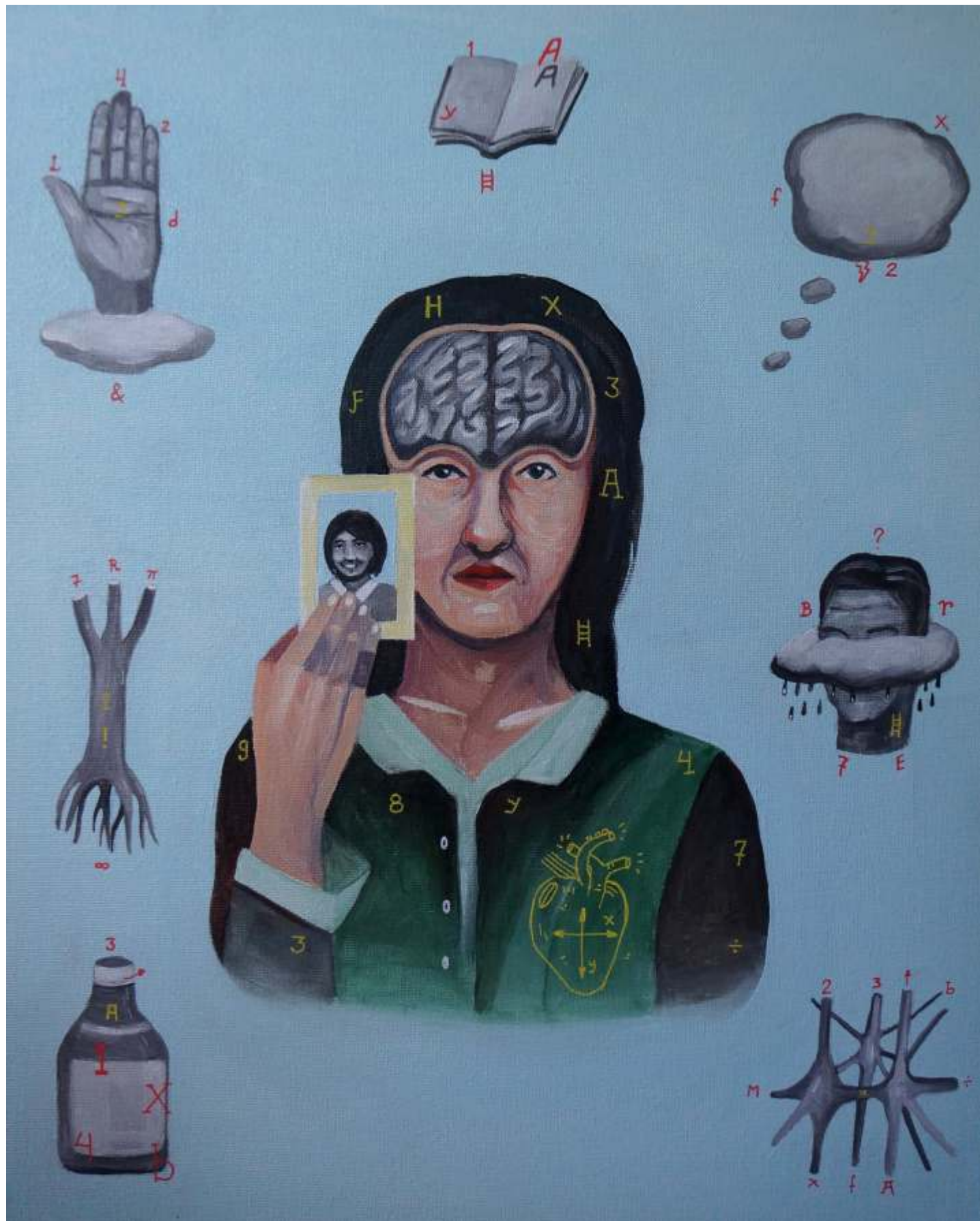


Foto: Iwintolá

Alberto Pereira é artista urbano, articulador, comunicador e realizador nascido no Rio de Janeiro e criado entre Niterói, Rio de Janeiro, Brasília e Angra dos Reis. Teve seu trabalho apresentado em exposições individuais, coletivas, festivais de arte digital e urbana, chamadas públicas independentes e salões de arte contemporânea em países como Argentina, Brasil, Egito, França, Itália e Líbano. Em 2016, criou a rede Lambes Brasil focada na divulgação, valorização e produção de eventos e oportunidades aos artistas de rua produtores de lambe-lambe [cartazes urbanos] em território nacional. Desde 2018, a rede produziu eventos na Argentina, Brasil, Egito, Líbano, além de auxiliar iniciativas independentes em Manaus, Goiânia, Recife e São Paulo.

"'jinco' é uma homenagem a Gilberto Bellot Nogueira, meu avô ainda vivo, nascido no dia 05/12/1927 em Santo Antônio de Pádua. 'jinco' é também um bloco de notas, com algumas anotações básicas para Gilberto, como o nome da sua esposa, dos seus filhos, seus netos, seu time do coração, cidades por onde filhos residiram e ele visitou, sua Kombi e veículo de trabalho [...] alguns acontecimentos na vida. Uma pré-despedida à prestação, uma constatação de chegada e partida, um relicário. A gente nasce e depois nasce ao contrário."

Alberto Pereira



DES VANES CER

acrílica sobre tela

Nascido em 1975 e criado no ABC Paulista, **Flávio Grão** vivenciou intensamente os movimentos sociais e políticos deste tempo e espaço. Tal vivência se tornou parte indissociável de seu discurso e estética artística e trouxe alguns elementos fundadores de sua arte, como o movimento punk, o skate e o ativismo político. Com a prática e estímulo da expressão pelo desenho desde a mais tenra idade, Grão desenvolveu uma naturalidade espantosa em comunicar-se através da simbologia gráfica. Formado em Letras e Pedagogia e autodidata nas artes plásticas, o artista tem um trabalho que se caracteriza pela constante busca pela descoberta e pelo aprimoramento dentro das mais diversas técnicas das artes plásticas, como gravura, colagem, pintura a óleo e escultura. Esta característica, aliada ao diálogo com os movimentos sociais e de educação fazem com que sua arte transite com naturalidade entre os ambientes mais diversos, como museus e capas de discos de bandas punks.

Atualmente seu trabalho parte do estudo em seus cadernos ou diários, onde o desenho mescla elementos de reflexão do cotidiano com símbolos do inconsciente. Este embrião, fermentado por influências gráficas diversas como o estudo da anatomia e da botânica, imagens sacras, arte popular e acadêmica, acaba por se multiplicar em telas, gravuras e outros desenhos. Seus trabalhos começam a fazer parte de coleções importantes como as Pinacotecas de São Paulo, São Bernardo do Campo e Rio Grande do Norte.

'A obra mescla duas inspirações estéticas: os estudos de anatomia humana aos quais tenho me dedicado e os ex-votos, figuras de cunho religioso nas quais as pessoas depositam sua fé e esperança em busca da cura para os mais diversos males. [...] Na ausência destas curas, resta o único e maior bálsamo possível: o amor. [...] a vida familiar transcorre em sua plenitude no transitar entre dois papéis possíveis: o de cuidar e o de ser cuidado.'

Flávio Grão

trechos de
A perda de memórias e a doença de Alzheimer
texto escrito especialmente para o projeto
por **Mychael Lourenço**
Neurocientista e Professor da UFRJ

Perder memórias é uma preocupação bastante comum à medida em que envelhecemos. Logo de início, é importante esclarecer que é normal ter episódios de esquecimento, especialmente na terceira idade, mas também durante a juventude ou na vida adulta em momentos de estresse, pressão ou de grande exigência mental.

A cada vez que esquecemos onde colocamos nossa chave, o nome de alguém que já nos foi apresentado ou mesmo algum compromisso agendado, é possível que nos surja, em concomitância, um certo medo de que estejamos desenvolvendo demência, da qual a doença de Alzheimer é a causa mais comum. Mas não é qualquer caso de esquecimento que significa que uma pessoa está desenvolvendo a doença de Alzheimer. Se os lapsos de memória se tornam frequentes e atrapalham as atividades da vida diária, aí sim é o caso de procurar um neurologista para avaliação.

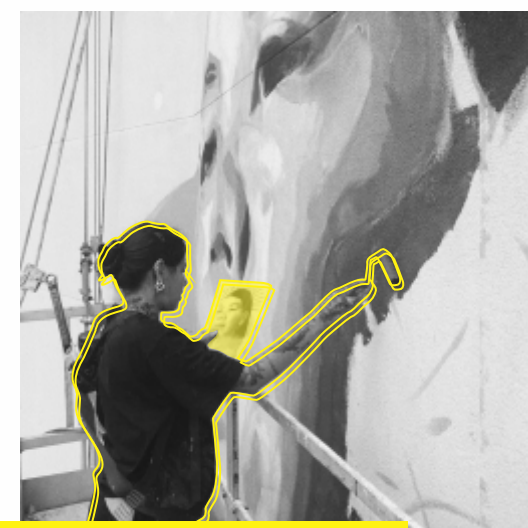
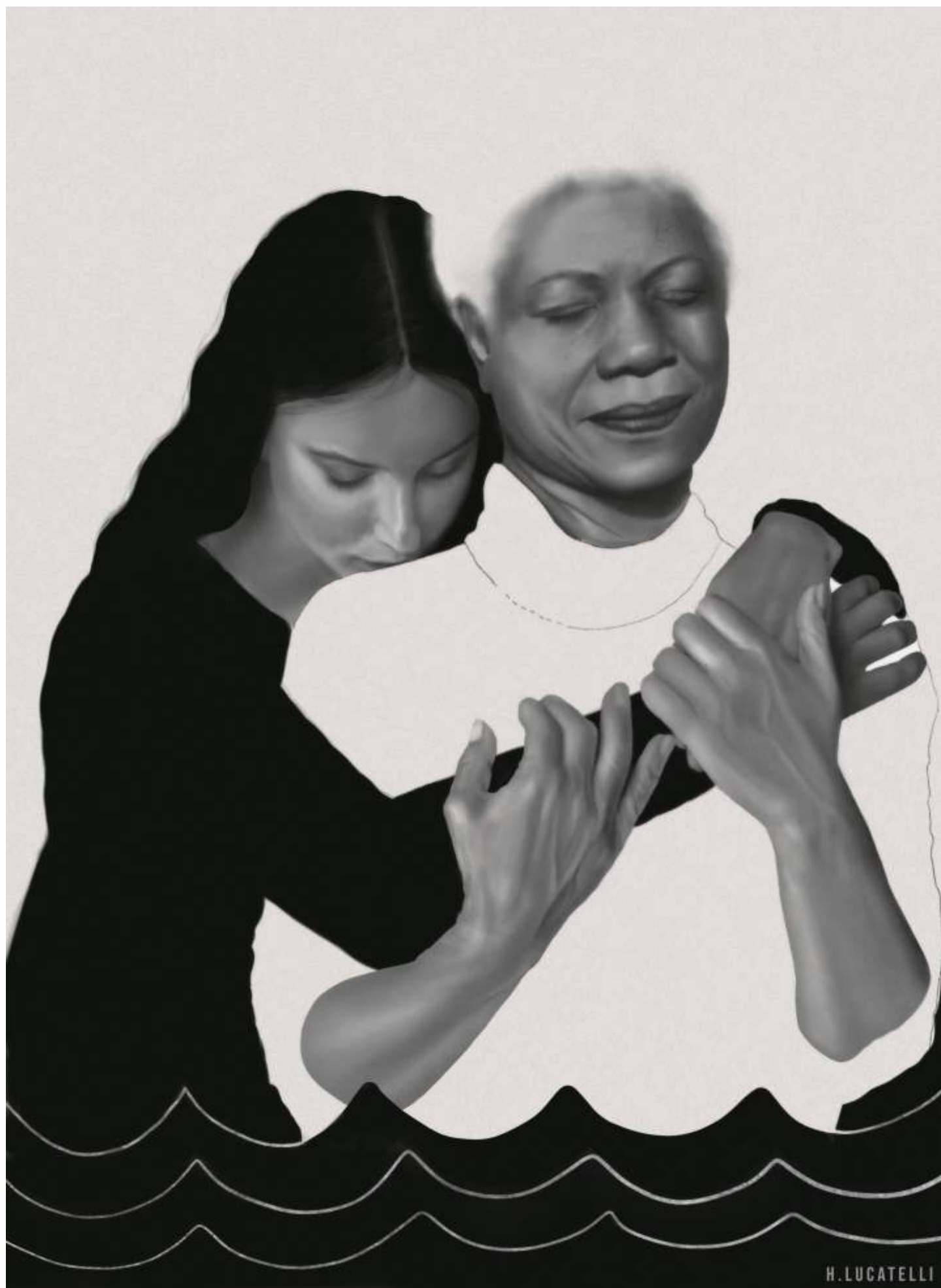
Hoje sabemos que os processos degenerativos que levam ao quadro clínico do Alzheimer começam a acontecer no cérebro anos ou até mesmo décadas antes do aparecimento dos sintomas. Ainda não é possível prever com um grande grau de confiança quem irá desenvolver Alzheimer, mas cada vez mais a neurociência e a neurologia avançam na identificação de marcadores que podem constituir, no futuro, um exame clínico de rotina, seja por neuroimagem ou mesmo um exame de sangue.

Embora ainda não saibamos as causas específicas que levam a esta doença, também já avançamos consideravelmente no entendimento dos fatores de risco. Doenças metabólicas, como obesidade e diabetes tipo 2, bem como depressão, sedentarismo e privação de sono são alguns fatores que aumentam a chance de desenvolver Alzheimer durante a velhice. Como se pode imaginar, muitos destes fatores de risco estão intimamente associados com o nosso estilo de vida moderno que envolve hábitos pouco saudáveis de alimentação, pouco exercício físico, muito estresse mental e poucas horas de sono.

A ciência tem avançado significativamente na área e o cenário é promissor. Mas por enquanto, devemos fazer a nossa parte para prevenir o Alzheimer e também melhorar a qualidade de vida dos idosos que já desenvolveram a doença. O cuidado, a atenção e a compreensão do estado com parentes e pessoas próximas que possuem Alzheimer deve sempre nortear nossas ações. Por fim, cabe ressaltar que a ciência está ao lado dos pacientes e familiares e tem trabalhado incansavelmente em diversas frentes para responder as perguntas que ainda existem na área e identificar estratégias de intervenção que funcionem para os pacientes.

AMO-TE AGORA

E O AGORA JÁ É PASSADO



AMAR AGORA

arte digital

Hanna Lucatelli é uma jovem artista visual, muralista e mãe. Seu trabalho propõe um novo olhar sobre o ser feminino e seu poder de criação e transformação. As mulheres de Hanna são envoltas em uma aura mítica e poderosa, geralmente acompanhadas de mensagens de amor e coragem, carregam a força do sagrado feminino e promovem uma nova relação com a figura da mulher no espaço público. Por isso, a rua, ambiente hostil para qualquer ser que carregue a energia feminina, é a principal plataforma de trabalho da artista. Hanna passou a infância entre as periferias do Rio e São Paulo. Na adolescência, teve os primeiros contatos com expressões artísticas urbanas através da pichação e tags. Formada em Design de Moda, foi mãe cedo e, após percorrer diferentes caminhos em sua carreira e vida pessoal, encontrou na pintura e no desenho um novo rumo.

Seu principal objetivo é dar maior autonomia para as mulheres através de uma representação outra da sua figura com características que não a fragilidade, a sexualidade e a passividade, mas a força do feminino. Dessa maneira, sua arte propõe um novo olhar para a necessidade do levante da energia feminina a partir do indivíduo e que alcance todos os grupos sociais. Ao serem vistos de uma forma que se conectem verdadeiramente com a sua essência, é esperado que esses seres femininos sintam-se acolhidos, e não repelidos pelo espaço público.

'Tenho uma ligação pessoal com o Alzheimer. Avô e avó viveram anos com a doença. Com a avó, veio de forma mais pungente o arrependimento pelo afeto não dado. Pelo postergamento da entrega do amor presente. Pela negligência da urgência. O enfrentamento inevitável com minha face egoísta por só ter vivido na necessidade do meu tempo [...] Que possamos estar mais sensíveis às necessidades afetivas do outro que tanto amamos. Que o afeto seja entregue de forma pura e imediata quando o amanhã for incerto. Como sempre é.'

Hanna Lucatelli





Andre Bracale Araujo, nascido em 1985, residente em São Paulo. **Andre Mogle** iniciou sua vida artística em 1998 e a porta de entrada foi o graffiti. A estética contemporânea ambiental marca o estilo do artista. As obras de Mogle espalhadas pela cidade são como pedaços de natureza em meio ao caos urbano. Sua inquietação quanto ao descaso ambiental e social faz com que se aproxime de projetos que têm em comum a busca pela conscientização humana através da arte. Em suas obras, retrata seres lúdicos, uma espécie de híbrido de humano e planta, que estão inscritos em cenários que objetivam uma reflexão sobre a relação do Homem com a natureza e as relações pessoais, chamando a atenção para a intolerância e a falta de empatia.

SEGURA MINHA MÃO E CAMINHAREMOS JUNTOS

spray sobre tela

'[...] [a obra] ressalta a importância do afeto, da empatia e da compreensão em busca de uma melhor convivência.'

Andre Mogle

A doença de Alzheimer leva ao desenvolvimento de necessidades especiais que requerem cuidados, supervisão e vigilância constantes. Diante desse cenário, surge o papel do cuidador familiar, elemento fundamental na assistência domiciliar, responsável por cuidar do indivíduo doente e prover a sua subsistência. Muitas vezes, as exigências e demandas que surgem no transcorrer do processo excedem a capacidade e os recursos do cuidador, se tornam fatores importantes de estresse e podem gerar angústia, medo e sentimentos ambivalentes em relação ao doente. É comum identificar familiares cuidadores que sofrem de depressão como resposta ao desgaste físico e emocional.

Nesse sentido, é imprescindível que o cuidador seja constantemente acompanhado e receba apoio e orientação para enfrentar os desafios de cuidar do enfermo e, ao mesmo tempo, cuidar de si. Políticas de saúde são necessárias para elaboração e implantação de estratégias de acompanhamento de familiares cuidadores desde o momento do diagnóstico até as etapas mais avançadas da doença. Grupos de Ajuda Mútua [GAMs], formados por pessoas que compartilham problemas similares de vida e desenvolvem a habilidade da escuta atenta e interessada, exercem papel fundamental no fortalecimento da autoestima e da confiança de seus membros.

Fontes e links sugeridos:

Associação Brasileira de Alzheimer

abraz.org.br

Alzheimer's Association

alz.org

Ministério da Saúde

saude.gov.br

Organização Pan-Americana de Saúde/ Organização Mundial de Saúde

OPAS/OMS Brasil

paho.org/bra

Alzheimer's Disease International

alz.co.uk

World Alzheimer Report

alz.co.uk/research/WorldAlzheimerReport2019.pdf

_Iniciativas, experiências + cultura

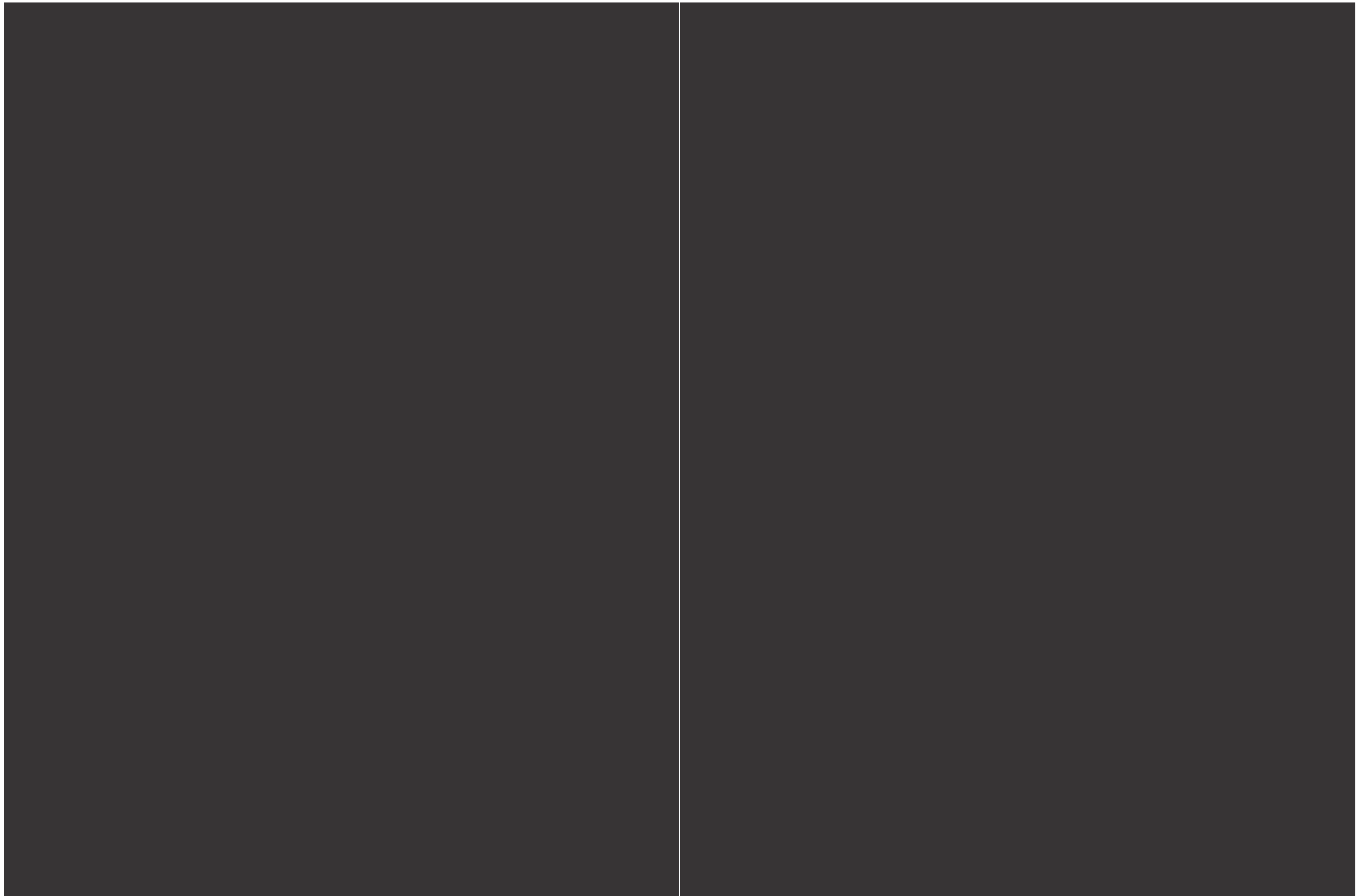
A ArtBio desenvolve projetos que cruzam disciplinas, criam pontes e conectam pessoas em diferentes plataformas.

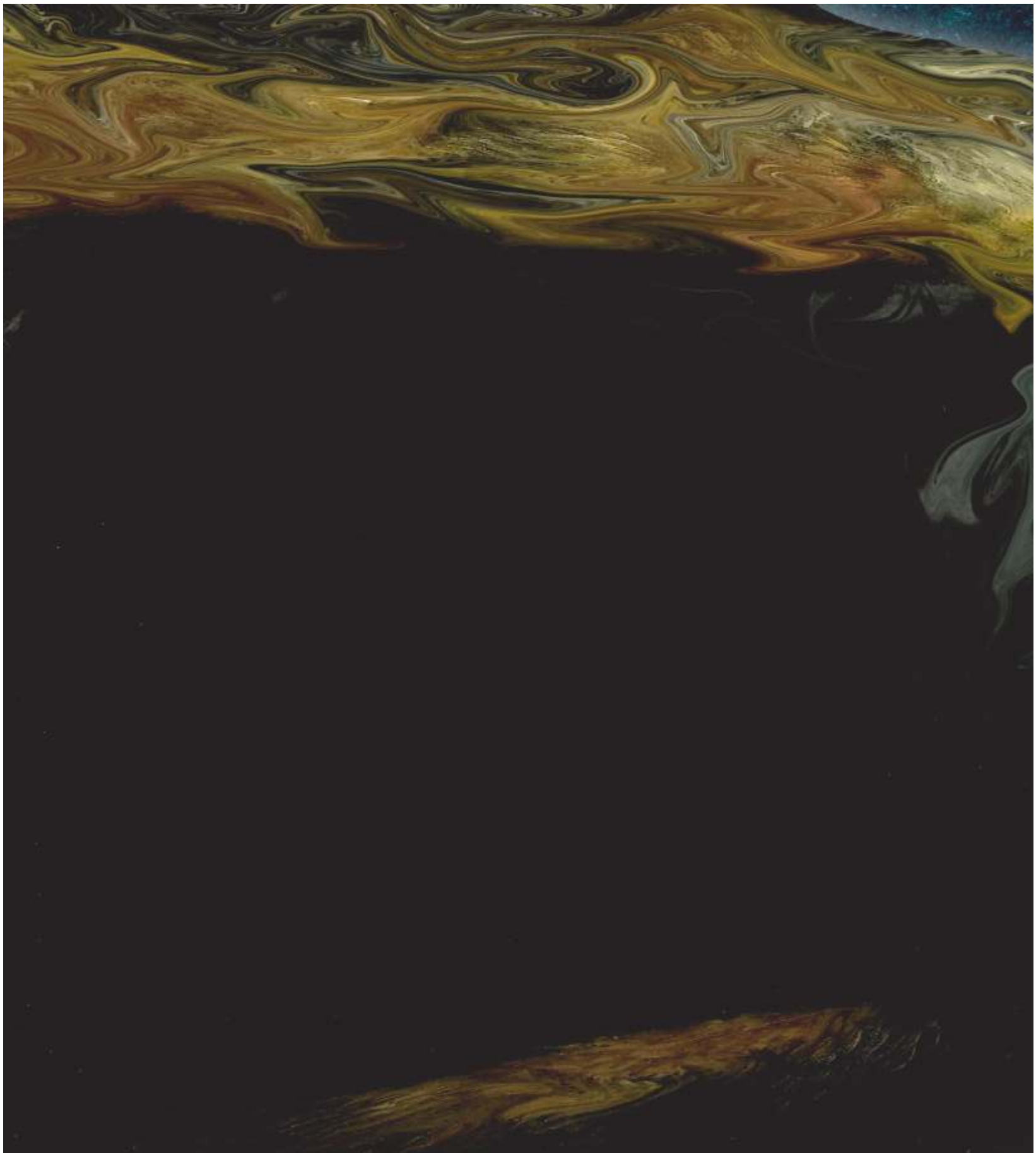
Estimulamos o compartilhamento de conhecimentos e a troca de experiências e saberes em dinâmicas que auxiliam na construção de questionamentos sensíveis.

Entendemos a cultura como educação permanente não formal e a ciência como parte integrante da cultura.

Celebramos ciência e arte como instrumentos de transformação e vislumbramos novos mundos [possíveis] livres do vício da controvérsia que há em suas relações.

www.artbiobrasil.org





Lei de Incentivo à
CULTURA



Apoio:
CASA DA CIÊNCIA
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Patrocínio:
REDE L'OR
SÃO PAULO



Realização:
ArtBio

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL